

Vida Social no Patrimônio de Dourados

Tudo leva a crer, através de estudos das fontes históricas existentes, que a cidade de Dourados não surgiu de uma forma espontânea, houve uma interação urbanística, o que se percebe na organização das quadras, das ruas, na localização das casas. Tem-se a impressão que a ocupação do local onde se deu o início do patrimônio foi urbanisticamente planejada.

No Potreiro Guaçu se instalava José Serrano, vindo de Minas Gerais. Francisco Xavier Pedroso, vindo de Amparo, do interior paulista, fundou na barra do Córrego Forquilha, à margem do Rio Dourado, a sede da fazenda que recebeu o nome de sua cidade natal. Henrique Pedroso, irmão de Francisco, veio na mesma época para Mato Grosso, fixando-se no local mais tarde denominado lagoa Bonita.

As primeiras residências e as primeiras casas de comércio se confundiam, para posteriormente ocorrer uma definição do centro comercial onde nasceu a cidade. Nessa região central, além de ser o ponto comercial do povoado, era também onde ocorriam as festividades cívicas e religiosas, principal momento da vida social. Por ocasião das festividades, esta região central do povoado acolhia os moradores das fazendas ou das chácaras, que andavam léguas a cavalo para aqui chegar.



A lojinha da rua principal não era apenas o local de uma prática econômica onde se comprava e se vendia, mas era um espaço de convivência e sociabilidade, não era um espaço público, mas ali muitos se encontravam seja para buscar algo que estava faltando em casa em grande ou pequena quantidade ou para fazer uma pausa para um bom bate papo, um tereré, um chimarrão e até mesmo um bom trago de cachaça. Era também um espaço de conversas e novidades, a loja era uma célula econômica de interação e negociação de bens culturais, de costumes e de identidades. As primeiras casas eram simples, geralmente de tábuas e cobertas de tabuinhas, uma vez que o transporte e as condições das estradas tornavam o preço do tijolo e da telha muito alto. Um dos primeiros a chegar à região foi Francisco de Mattos Pereira com sua família se instalando em uma área onde hoje está localizado o aeroporto de Dourados. Relata-se, ainda, que na sede do povoado, a primeira casa construída foi a do cidadão Januário Pereira de Araújo em 1911, sendo que em 1913, o povoado se elevou para cinco casas.

Neste momento, já se nota que algumas famílias se destacam como os pioneiros do povoado, originando mais tarde a cidade de Dourados.

A estrutura familiar é patriarcal. A vida urbana é quase que constituída de famílias, organizando-se em um espaço urbano: participando da política local e regional; construção de Igrejas, escolas; abrindo casas

comerciais ou mesmo trabalhando na terra. Destacam-se neste início do patrimônio algumas famílias: família Mattos, a de Marcelino Pires e Joaquim Teixeira Alves, a família Araújo e Capilé, a família Torraca, Rosa e Pedroso, entre outras.

Já na década de 20 a juventude do patrimônio se reunia nas ocasiões especiais os homens não dispensavam os chapéus, os ternos e as gravatas. As moças se vestiam de forma elegante deixando se perceber que a preocupação com a moda já existia.

As famílias que residiam nas fazendas já encontravam motivos para se deslocar em carros de boi ou a cavalo até o patrimônio. O núcleo urbano já se encontrava um pouco organizado: com a Igreja, primeira instituição que surgiu atuando na organização do espaço urbano, a casa comercial, trouxe ao patrimônio pessoas que antes iam para o Território de Ponta Porã e Rio brilhante fazer suas compras, a pensão (Pensão Central) e o hotel (Hotel Modelo de propriedade de Zenóbia Silveira Frost), onde se reunia as pessoas para um bom papo, um descanso ou para abrigar os visitantes ou as pessoas sem família na região.

Devido a alguns problemas na ordem do patrimônio de Dourados, iniciou-se por volta de 1919 a Inspetoria de Quarteirão. Os inspetores eram escolhidos por civis. Geralmente quem ocupava este cargo eram pessoas que mereciam a confiança do povo. Os inspetores não eram remunerados. As zonas de atuação destes inspetores eram a Cabeceira Alegre, o Centro e a antiga saída para Ponta Porã.

Depois de 1932, foi nomeado por Ponta Porã, um delegado para o patrimônio de Dourados. A partir disso os inspetores eram remunerados e escolhidos pelo delegado.

Na época não havia prisão, então existia o tronco feito de madeira, onde a vítima ficava presa pelos pés, em qualquer lugar da cidade, bem visível, para que todas as pessoas vissem que aquilo era o resultado de uma má conduta.

A primeira cadeia foi um quarto de madeira, situado na Avenida Marcelino Pires, esquina com a Rua Bahia.

Um dos principais Inspetores de Quarteirão foi João Soares Pereira (o Jango Pereira) desempenhando as funções de auxiliar de justiça, de

polícia e de Fiscal e Contínuo do então primeiro prefeito do já município de Dourados, João Vicente Pereira.

A Religiosidade

Nos primeiros anos de existência do patrimônio, não havendo as capelas, nem padres e Juiz de Paz residente na localidade, os casamentos eram realizados em uma única cerimônia, juntando gente de muitas fazendas. A festa, comum nestes momentos, durava até quatro dias: dois dias antes e dois dias depois do casamento.

Na vila, ainda com estilo de sertão, aparece a figura do padre:

“Constantemente, pelos ervaais, aparece um padre a cavalo, vasta bagagem, cheio de santinhos e rosários, alguns crucifixos, pequenas imagens, e pobres peças de vestimenta religiosa. É batizador, como o cognomina o povo simples do sertão. Varando o sertão, e dias, exposto à chuva a ao sol, numa demonstração sublime do seu espírito de abnegação e renúncia, ele, o padre leva ao nosso esquecido caboclo, no mais recôndito da floresta bruta, um pouco de civilização, e uma dose maior de crença em Deus. Vendo-o, eu divulgava sempre na sua veneranda figura, o catequizador audaz de outrora. Via o velho jesuíta arriscando a cada passo a vida, em busca da cobiçada aldeia. Fazendo aqui um batizado, ali um casamento, celebrando mais além uma missa, ele se internava cada vez mais pelo sertão, convicto de que cumpria um dever sagrado. Quando ele aparecia, famílias inteiras, viajando longos dias, vinham trazer seus filhos para o batismo”. (Da obra Homens de Aço – A Luta nos Eruais de MT, Helio Serejo).

É nesse contexto que se encontra registrada a figura do padre, antes mesmo de existir a capela no patrimônio. A primeira capela foi construída em 1925 no terreno doado pelo Sr. Joaquim de Almeida, o Antônio Paulista, e a construção estava a cargo de Alfredo Oliveira de Abreu, o Alfredo Pedreiro, português, o segundo profissional da área a chegar em

Dourados. O primeiro foi Francisco Torraca.

No dia 08 de dezembro de 1925, a população levou para a capela, a artística imagem de Nossa Senhora Imaculada, que se encontrava na residência do Major Capilé. Somente no dia 06 de junho de 1926, é que a nova capela foi benta pelo Padre Giardelli, de Ponta Porã, e, não havendo um padre no povoado, as rezas eram puxadas por “velhos católicos”, dentre os quais Chico Pires e Simpício da Silveira, sucedidos por Dona Antônia da Silva Capilé. A capela se tornou paróquia em 03 de outubro de 1935. Uma nova Igreja foi construída em 1943 e reformada em 1953. O 1º Vigário, frei Hygino Latteck, chega definitivamente a Dourados no dia 18 de outubro de 1940. Até então Dourados era atendido primeiramente por Ponta Porã e, a partir de 1938, por Rio Brilhante. Com a criação da paróquia, Dourados passou a concentrar a vida religiosa de toda a vizinhança.

A religiosidade teve uma importância fundamental na vida do povoado. Nesse momento era principalmente a Igreja que ditava as normas e os padrões morais. As festas religiosas tinham uma importância muito grande para o povo do patrimônio, fazendo parte mesmo de sua vida social, que quase nunca estava desligada da religião.

A religião era até mesmo uma forma das senhoras se integrarem mais efetivamente na vida do povoado, através das colaborações que prestavam nas rezas e nas quermesses. As festas religiosas eram motivos também para que os moradores da vizinhança viessem até Dourados.

As festas religiosas, das quais a mais importante da época era a da Imaculada Conceição, continuavam fazendo parte do calendário das atividades sociais, mesmo após Dourados se tornar município, sendo que o ritual geralmente seguia a mesma sequência: procissão, celebração da missa e a quermesse (festa). Destacavam-se também as solenidades religiosas das festas de casamentos.

Aos poucos, novas manifestações religiosas foram aparecendo. Destaca-se Igreja Presbiteriana de Dourados - “Igreja do Relógio”. O responsável era o Reverendo John Marion Sydens-Triker que chegou ao patrimônio, em 1942, com sua esposa Dona Margarida e seus três filhos: John, Jack e Daniel. É um ponto de referência na região central de Dourados que encanta pela sua moderna arquitetura.

Quem deu início ao trabalho evangélico no então patrimônio de Dourados, foi o reverendo Albert Sidney Maxwell, que atendia no patrimônio e na Missão Caiuá, sendo que sua esposa, Dona Mabel, dava mais ênfase ao trabalho no povoado, com sua equipe: Professor Esthon Marques, representante da Igreja Presbiteriana Independente, o agrônomo João José da Silva e a missionária Dona Yolanda Lindenberg. Esse trabalho evangélico foi grandemente auxiliado pelo Reverendo Josué Salles e sua esposa Nair Salles.

O padre e os pastores evangélicos com suas famílias realizavam o trabalho religioso, mas iam muito além desse trabalho, daí derivando sua importância na vida do município. Eram figuras presentes, atuando para modificar e melhorar a vida da cidade.

A Participação da Mulher

As mulheres aparecem pouco nos relatos sobre o dia a dia do patrimônio. No entanto, muitas mulheres tiveram um papel fundamental de liderança social, exercendo grandes atividades por ocasião das festividades religiosas ou cívicas. Embora a sociedade fosse profundamente patriarcal, destacando o papel do sexo masculino, nota-se que a participação das mulheres não foi de passividade e omissão. Entre essas mulheres se destaca Albertina Pereira de Mattos que atuou na política de Dourados como vereadora.

Em certas ocasiões a ausência das mulheres era um costume imposto até mesmo pela precariedade do espaço urbano, pelas ruas escuras e sem calçamento e pelos tiros que os “machões” gostavam de dar, já que o respeito era imposto pelo “44” trazido na cinta.

As mulheres também participavam de pi-nics, geralmente às margens do Rio Dourados, como forma de quebrar o cotidiano. A mulher se retirava, por algumas horas dos afazeres domésticos e parava para desfrutar a natureza. Nos pic-nics, a dança era uma forma de divertimento e, às vezes, o baile acontecia de dia por não haver luz no patrimônio e ao ar livre. Os violões e os acordeões, eram os chamarizes da mocidade, faziam surgir donzelas sorridentes. As mulheres trajavam-se com elegância e recato. As crianças se faziam presentes e se divertiam também.

Realizavam passeios, juntamente com as crianças, à procura da guavira e participavam das festas de carnaval, onde trajavam as suas fantasias e em muitos casos observa-se a presença das suas origens.

Era muito comum a participação das mulheres nas festividades ou celebrações de aniversários e nos trabalhos das primeiras escolas do município.

Em alguns momentos a participação das mulheres juntamente com os homens se tornava fundamental para dar mais vida, diversão e alegria ao patrimônio. Merece destaque as festas de carnaval e as atividades esportivas. Há registros históricos que a primeira festa de carnaval de rua do patrimônio tenha acontecido em 1925, onde está a atual Praça Antônio João. O bloco carnavalesco “Cavalcadas” (a cavalo mesmo) representava a luta entre os mouros e os cristãos. Os chefes (personagens) das cavalcadas desse ano foram Januário Pereira Araújo, Rafael Carneiro e Vicente Fernandes.

Naturalmente essa foi uma tradição trazida pelos imigrantes. Entre outros acontecimentos que vinham romper com o cotidiano, como as festas religiosas e as festas de casamentos, os carnavais tinham uma grande importância na vida social do patrimônio.

O carnaval era um momento que se apresentava como meio para o rompimento dos padrões que vinham sendo seguidos na vida do povoado. Nesse momento geralmente se assiste à inversão da ordem social, e o que normalmente é visto como proibido passa a ser permitido. Isso faz com que este tipo de diversão se apresente diferente das outras. A descontração era bem grande: homens se vestiam de mulheres, mulheres se pintavam com maior exagero, tornando-se mais ousadas e crianças se fantasiavam de personagens que admiravam.

No patrimônio de Dourados, os bailes aconteciam em um salão da residência do Major capilé. Já nos anos 30, a existência de outro bloco carnavalesco era a diversão do povoado onde faziam parte as mulheres e os homens. Esse bloco se chamava “Bloco Bahiana Vem Commigo” (com dois emes mesmo).

O COMÉRCIO NO PATRIMÔNIO

Desde o início do povoado de Dourados no século XX, já havia mascates na região e eram chamados de caixeiros-viajantes ou também chamados de mascates. Esses mascates ou vendedores ambulantes saíam vendendo seus produtos pela região: “homens das carrocinhas de verduras, puxadas a cavalo, vendedores ambulantes de verduras, frutas, aves, pães, e outras utilidades necessárias à sobrevivência das pessoas do patrimônio.” Entre esses outros objetos de venda estavam: camisa, short, blusa, calcinha, enfim era fundamental que a mala estivesse cheia, sortida e com várias opções de uso para os clientes. O mascate não ficava muitos dias num só local, havia outros clientes a serem visitados ao longo dos trajetos. E era importante voltar em outro momento à cidade já visitada, seja para trazer novas mercadorias, conquistar novos clientes ou receber contas. A atitude do mascate era de intensa negociação, tanto de mercadorias quanto do modo de ser. Aprendiam-se os costumes locais, comia-se a comida na casa do freguês, bem como em pensões ou hotéis da cidade. Ocorria uma intensa troca de cultura. Destacam-se nessa atividade comercial, não somente como de mascate, os sírios e libaneses, entre eles: José Martins ou Martin turco (casa comercial José Martins&Cia), família de Elias Milan (Loja A Favorita), Irmãos Manoel Rasselen e Aziz Rasselen (casa comercial Casa Branca), Salomão Rasselen (casa comercial A Douradense), Aniz nacif Rasslan (comércio Casa Esperança), entre muitos outros.

Com o passar dos anos e o crescimento do patrimônio, as novas necessidades de muitos outros bens de consumo, surgissem comerciantes fixos na região. Inicialmente as mercadorias chegavam até a região pro Corumbá, quer distribuía para Aquidauana por barcos subindo pelos rios Miranda e Aquidauana, levando-se até um mês de viagem. Par sair de Dourados e chegar a Aquidauana seguia-se a cavalo ou de carreta de boi.

Em meados da década de 1920, muitos comerciantes de Dourados passaram a buscar mercadorias de Campo Grande, pois esta praça recebia as mercadorias diretamente de São Paulo. Entra em cena nessa época o caminhão, com a vantagem de carregar e descarregar as mercadorias onde houvesse estradas nas quais ele pudesse trafegar, pois o trem até aqui não chegava.

No ano de 1927, já existiam os caminhões, todos os anos eles eram

trocados, eles não concorriam com as carretas de bois, pois estas suportavam maior peso frente à fragilidade dos caminhões, estes geralmente eram da marca Ford ou Chevrolet. As carretas de bois ficaram até a década de 40. Somente os comerciantes tinham caminhões.

A Avenida Marcelino Pires tomou características com a rua do comércio, mas nem todos passavam por ela, muitos desviavam caminho, principalmente aqueles que não conseguiam pagar suas dívidas. Eles utilizavam a então famosa rua dos velhacos, dos maus pagadores, que era a antiga Rua Rio Grande do Sul, atual Avenida Weimar Gonçalves Torres.

As primeiras casas comerciais se confundiam com as residências, onde morara e trabalhar era a ocupação do mesmo espaço na vida diária. Aos poucos a Rua Principal se evidencia como a rua do comércio. Por volta da década de 1930, o migrante gaúcho Valdomiro do Amaral, propôs o nome de Marcelino Pires para a dita Rua Principal, permanecendo até os dias de hoje com esse nome.

A chamada rua do comércio tinha muitos desafios: quando o tempo estava seco era muito pó, mas quando chovia fazia muito barro e dificultava o trânsito de pessoas, animais e dos meios de transportes.

Bibliografia consultada e utilizada

- História de MS, Lori A. Gressler, Luiza M. Vasconcelos, Zélia P. de Souza;
- Apostila Construindo a história de Dourados, SEMED – 1994.
- Apostila Dourados - História e Geografia, Leila Luna, Reinaldo Alves.
- www.wikipedia.org/wiki/História_de_Dourados
- Memória fotográfica de Dourados, Regina Heloiza Targa Moreira